

## O RABUGENTO

PERIÓDICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES . . . 3\$000

## O RABUGENTO

TYPOS.

O VENDEDOR DE ESCRAVOS.

I.

Há cerca de um século que a civilização, que até essa época se annunciava tímida e a medo, caminhando ousada, tem derrocado pedra por pedra o immenso edificio do passado, baseado nas trevas da ignorancia e superstição dos tempos feudaes. O espirito do progresso invadindo todas as classes e todas as idéas, tem contribuido espantosamente para o desenvolvimento e aperfeiçoamento moral da humanidade.

Retardada algumas vezes em seus effeitos, a civilização não pára, caminha sempre, e se ainda está longe de chegar ao ponto a que deve e pôde attingir, muito tem conseguido nestes ultimos annos; cumpre, porém, não descansar; pois ainda muito mais resta a fazer.

A sociedade apesar do gráo de adiantamento a que chegou não poudo até agora banir de seu seio certas chagas mortaes que corroendo-a pouco a pouco, acabam por desorganizar a tempo lhe não acodem com o remedio.

Em todas as épocas e na historia de todos os povos, encontramos exemplos da veracidade do que deixamos exposto.

Os gregos depois de terem attingido o apogéo dos conhecimentos humanos em artes e sciencias (que comparados com os que hoje possuímos nos fazem envergonhar de nossa vaidade) trocaram os areopagos pelos lupanars, as justas e banquetes populares pelos sarás e prazeres sensuaes, as virtudes civis, de que tanto se uffanavam pelos costumes effeminados, e decahiram insensivelmente em um estado de degradação de que hoje se envergonhariam as nações menos adiantadas.

Os romenos, esse povo de heróes que conseguiu sujeitar ao seu dominio a maior parte do mundo conhecido, devorado por dissensões internas, e admitindo em seu seio o luxo e devassidão de costumes dos povos conquistados effeminou-se a ponto de se entregar quasi sem resistencia ás hordas de barbaros que por toda a parte invadiram suas ricas provincias, dividindo-as entre si, e tornando-os de senhores em escravos.

Mais tarde vimos Portugal, movido pela ambição, perder em um só dia na batalha de Alcacequibir, todo o poderio

e riqueza que o fazia respeitado e temido de todas as nações, ainda as mais poderosas e cahir em um estado de abatimento de que só muito tarde e á custa de grandes esforços se poderá levantar.

Vimos a Hespanha avassallada pelo fanatismo e superstição caminhar a passos agigantados desde a extrema grandeza até á mais completa decadencia.

Estas e outras catastrophes, resultado de causas mais ou menos conhecidas e que não foram removidas a tempo de evitar suas funestas consequencias, nos fazem receiar pelo futuro.

E não se diga que a sociedade moderna, baseada no progresso intellectual e material, está fóra das condições de soffrer esses cataclysmas que mudavam antigamente o destino das nações.

Pelo contrario; o gráo de illustração e desenvolvimento de idéas a que tem chegado as nações civilizadas, fazendo-lhes conhecer o que tem direito a esperar do presente e do futuro, fará com que mais tarde ou mais cedo reajam com todas as suas forças contra certas instituições, resto ainda dos tempos de barbaria que passaram.

São estas reacções que se devem temer.

Se dirigidas e encaminhadas convenientemente ellas dariam em resultado um grande avanço na senda do progresso, entregues a discripção pouco raciocinada das massas, levar-nos-hão a um estado de atraso e desorganisação social incompativel com as idéas do século, e que cumpre a todo o custo evitar.

Entre as causas que podem levar certos paizes a esse estado anormal, apontaremos como uma das principaes a escravidão.

Desviados do typo que queríamos descrever pelas considerações que deixamos apontadas, e que a elle se ligam e não comportando as columnas deste jornal um artigo de maiores dimensões apresentaremos no numero seguinte as observações que nos sugere a escravidão em pleno século XIX, referindo-nos especialmente ao Brasil.

Conhecemos a nossa falta de habilitações para tratar de um assumpto de tanta transcendencia, mas sirva isto ao menos de incentivo a outros que com mais proficiencia possam desenvolver uma questão de que depende a sorte de tantos milhares de infelizes que nascendo iguaes a todos os outros homens são esbulhados de seus direitos em nome das necessidades do progresso.

A. P—a.

## MISCELLANEA.

Tudo quanto pôde servir de alguma utilidade, dura pouco ou passa por modificações extraordinárias.

O gaz que o povo fluminense aceitou como um grande melhoramento, não é hoje o que foi na época de sua introdução. A principio, a luz produzida pelo gaz era clarissima, tornou-se algum tempo depois escura, á semelhança do azeite.

Hoje a cousa é ainda peor. Alguns lugares da cidade em certas horas da noite ficam mergulhados em completa escuridão; outros com uma illuminação duvidosa parecem mostrar que se sequizesse, podiamos gosar em toda a sua plenitude dessa regalia de que gozam as grandes cidades europeas esse caso está a Praça da Constituição. Felizmente houve quem tivesse a lembrança de alli collocar uma sentinella, para que as pessoas que transitam não quebrem o nariz de encontro á estatua esquestre.

Com o que pôde causar damno, acontece, porém, o contrario. Hoje em vista o theatro *Provisorio* que conservar-se-ha provisoriamente graças ás grandes escoras que hoje tem, até que em um bello dia, centenas de pessoas fiquem sepultadas debaixo de suas ruínas.

## POESIAS.

## DIZ-ME QUE SIM.

Não me negues, querida, eu tenho zelo;  
Arranca de minha alma o pesadello,

Sentada junto a mim!

Tu amas outro jovem, tu me illudes,  
Quando dizes que não: se tens virtudes,

Diz-me que sim.

Se queres meu amor, dou-te minh'alma;  
Se queres cantos te darei a palma,

Que só guardei para mim!...

Mas não queiras assim atraíçar-me  
Se já não pôdes ternamente amar-me

Diz-me que sim!

Eu sou um desgraçado, quem me dera  
Ser um dia feliz; vem recupera

A perda d'um jasmim!

Vem, minha bella, vem viver comigo,  
Serei eternamente teu amigo,

Diz-me que sim!

3 de Março de 1862. H. H. COUTINHO.

## ANJO E MULHER.

A \* \* \*

Vi-te a meu lado, me sorrindo meiga,  
Pendida a fronte, me jurar amor;

Eras um anjo!

Mas bem depressa, esquecendo a jura,  
Sorriste a outro, e me deixaste a dôr.

Eras mulher!

Senti donzella, a meu peito unido  
Teu seio arfando, palpitar de amor;

Eras um anjo!

Hoje, indifferente, para mim teu peito,  
Já não palpita, só me dá a dôr.

Eras mulher!

Teus labios lindos em minha fronte ardente  
Com um puro osculo despertaram amor;

Eras um anjo!

Tudo passou; hoje teus labios  
Se lho peço um riso só me dão a dôr:

Eras mulher!

13 de Setembro de 1862.

A. P—a.

## LUCINDA.

— Terna Lucinda, o trabalho  
A's vezes cansa tambem....

— Já sei disso ha muito tempo  
Sem que me dissesse alguém!

— Mas se eu disser, em segredo,  
Que estes teus olhos, Lucinda,  
Me perderam....

— Sinto muito!

— Que hoje te vejo mais linda  
Do que nunca!...

— Tudo isso  
Quasi sempre tenho ouvido.

— Não queres casar-te?

— Quero.

— E então....

— Falta o marido.

— Se não tens, casa comigo:  
Queres, Lucinda?

— Talvez....

— Dá-me em penhor, pois, um beijo;  
Olha, é só por esta vez?...

— Tenho medo dessas cousas....

Amanhã.... venha mais cedo.

— Amanhã? — já será tarde.

— Pois então guarde o segredo;

Não lhe pedi que o contasse!

— Lucinda, quanto desdem

Eu em ti descubro agora,

— Pensa nisso, ainda bem!

— Deixa de ser caprichosa!

— Tenho muito que fazer....

— Adeus, Lucinda!

— Pois vai-se

Ai, meu Deus, fico a morrer!...

AMERICO VESPUCIO.

Rio, 1862.

## RATICES DA SEMANA

Rio 20 de Setembro

Estrego os olhos; bom dia, digo, eu para um jovem que mora comigo nas agoras fartadas de um casa que não hade fazer parte em tempo algum de qualquer collecção de vistas... no genero das do Mr. Bird.

Mas elle teve razão, deram-lhe hospedagem melhor do que costumava, toralém disso elegias das redacções. Foi pena que o não naturalissem, para ver quanto lhe deviam. Ha patriotas muito paparretas.

Procuraram-te; não quiz accorlar-te; dormias o sonno do justo. Depois de uma noite de poquette, é mister dormir, e dormir bem. O corpo não é de ferro, salvo se algum dia te fundirem em estatua, quero dizer, salvo se...

— Suspende a inspiração, massader sempiterno! Quem me veio procurar?

— Um homem que não conheço; pedia a chronica ou quer que seja de semelhante para um jornal que — se diz litterario — (valha o *Jornal do Commercio*) intitulado *Rabugento*.

— Um serviço, e grande serviço. Senta-te a essa meza; pega na pena e escreve-me as tiras de papel em branco que estão naquella pasta.

— Escrever as tiras de papel em branco? Desde quando é o papel tripa da rua da Valla ou balão de festejeiro de S. João? Escrever o papel; ora está!

— Não me seringues; tu bem me entendes, mas fazes como os politicos que só ouvem o que lhes convem. Vamos, senta-te e escreve.

— Algum rol de roupa suja? Se é isso não precisa tanto papel, basta este pedacinho.

E o desalmado apresentava-me um quarto de papel em branco... de um lado, que o acaso collocára em cima das tiras de que fallai.

O lado contrario estava escripto, imaginem o que continha. Não são rapazes. Advinhos só conheço as sornabulas que dão consultas... pintadas nas esquinas de algumas ruas desta cidade; essas, porém, creio que não hirá o leitor consultar, mórmente agora que a policia abriu os seus olhos para felicidade dos transiuntes, e desgraça dos... pedestres.

Escusam, pois, de quebrar a cabeça procurando advinhar o que estava escripto no pedacinho de papel. Mas como é muito de suppor que entre os leitores do *Rabugento* também haja o bello sexo, e como o bello sexo é extremamente curioso, segundo ouço affirmar aos componentes, eu lhes digo o que havia escripto no tão fallado papel.

- « Sopa de arroz comervas — para dous.
- « Costeletas de porco à milaneza — para um.
- « Rim grelhado — para tres.
- « Lombo de porco assado — para idem.
- « Herbas com ovos — para quatro.
- « E sobre mesa — *ad libitum*. »

Eis o que estava escripto.

*Quod scripsi, scripsi*, reminiscencias do latim de collegio, que peço aos eruditos deixem passar.

Consigno em um escripto serio como é este, a lista do jantar do dia anterior, para que não fique em duvida que eu tenho posses, e que uma abundancia destas significa alguma cousa neste tempo em que a barriga é tudo, mesmo quando as parietras se intromettem na questão.

Ora a lista que o meu companheiro me apresentára, havia decidido na vespera um pleito litterario provocado pelos prós e contras do poema do Sr. Thomaz Ribeiro — D. Jayme, — visto que não ha bicho careta que não tenha fallado nelle.

O pleito ia terminando em pugilato, mas como os contendores professavam as ideias de Mr. George Sharp — prudencia e mais prudencia — resultou que o pugilato transferio-se para os queixos, e era de ver como qualquer dos *brigands* procurava sair triumphante da luta!

Mas a que vem tudo isto para o assumpto de que se tratava,

quando me disseram que haviam procurado a chronica do *Rabugento*?

Essa pergunta dirigi eu á minha individualidade, e vacillei na resposta.

E' que nestes tempos de positivismo, quando o *eu* impera em todos o para tudo, convém não ter opinião formada, para se formar no momento em que nos acenarem com o positivo.

Ainda que pudesse responder á pergunta que fiz a proposito das minhas divagações, não o faria pelo simples motivo de desajar conservar-me na posição independente em que a *fortuna* me collocou. Assim, convido o leitor a procurar-me em dia de *Santo Estaquio*, na casa da minha residencia, onde darei todas as explicações que me pedir. E no fim deste escripto, logo em seguida ao nome da typographia onde se imprime o *Rabugento*, achará o leitor tambem a continuação do *intelectualismo* com o meu sobre tão lo muito amado compatriota da casa.

Comecou mal a semana para um chronista que não adora a politica.

Uma declaração na *Folha Official* — internamente — feita pelo *santo christo de latão*, obrigou-me a dar ao diabo todos os calculos que tenho feito em materias governamentais. Se uma prova de cortezia e deferencia merece um desmentido, o que se devera fazer quando um mal criado nos despedir com as costas voltadas para a porta?

Têm rativos estes politicos que usam nos dias duplex do chapéu cardinalicio!

Os dias succedem-se, mas não se assemelham. Se um vento tempestuoso parece querer arrachatar-nos o papel em que está escripta a comedia que representamos ha tantos annos, façamos *quando honorabile* no altar dos novos deuses, e vamos depois representar as tragedias mais horripilantes no theatro da nação. Com a breca! Um papel que fazemos mais, não prejudicará a reputação que nos honramos de ter. *Hodie mihi cras tibi*.

Para augmentar as ratices da semana, publicou-se tambem no mesmo *Jornal* uma declaração a respeito de questões *pundonoras*, passadas *in illo tempore*. Além de que não ficasse em duvida a valentia e coragem dos individuos, appellou-se para o testemunho de terceiros, que se calaram, prova de que essa coragem não se limitava a fazer gemer os prelos. E' engraçada a cousa: *Gavarni* teria no Rio de Janeiro abundancia de typos, e *Holieri* se visesse, poderia consagrar as horas de ocio a reproduzir por escripto o que aquelle fizesse com o lapis.

Vou declarar-me em hostilidade massante contra o *Alcazar*, ou antes contra alguns frequentadores que se reputam acima de todas as conveniencias. Ha noites em que os taes amigos são intoleraveis. A policia da casa limita-se quasi sempre a admoestar, o que não surte effeito algum com esses *republicanos* de nova especie. Compreendo que a indole do espectáculo permita taes liberdades; mas o publico do Rio de Janeiro não está ainda acostumado á *civilização* do além-mar. Haja vista o livro de Mr. Bird, *termometro infallivel* do nosso estado de adiantamento.

O que se não explica é a protecção que concedem naquella casa aos mais *rabugentos*. Quer-me parecer que um dos titulos que os recomenda é — *parler français* — com um entono de mata-mouros. Se assim é, aconselho aos que não fallarem a lingua de *Racine* um mutismo absoluto, ou o *oui* em tudo e para tudo, como eu mesmo estou adoptando.

O mais pendente, porém, é não franquear as portas daquelle *santuario* de celebridades em quarta edição, e ir gastar os dez tostões jogando a bisca com qualquer comadre quarentona.

O *Chicocandó* do *Alcazar* teve as honras de *bis* nas altas regiões da politica. Cantou-se na *gazetilha* do *Jornal* a proposito da commissão de inquerito da alfandega.



O entusiasmo excedeu ao que imaginaram os ratões que ainda crêm no credo politico ensinado á nova geração em 1848. Resta saber se outra repetição virá arrefecer o enthusiasmo dos não baptisados nas aguas daquelle novo Jordão. Em todo o caso cumpre-nos saudar com tres barretas o astro que desponta, e enfiar com os crentes novos a *hosanna* dos escolhidos.

Sendo esta especie de chronica uma ratice, não será fóra de proposito fallarmos sobre a noticia que nos deu o *Diario*, que alguns dos senhores feudaes querem despedir-se das *amas* que os têm alimentado. Só sinto não ser 1.º dos sete para incontinentemente lhes fazer a vontade.

Entre elles ha dous que têm vontade de ir passear na Siberia; seria bom que antes de lá chegarem ficassem enregelados com o frio, e algum outro, que pelas *Peras* do filho, foi encampado lhe tomasse o lugar.

Se este seu criado tivesse voto na materia. . . . .

Tenho que annunciar aos meus leitores, só, que appareceu o periodico *Futuro*; seu redactor é bastante conhecido no mundo das letras, para que o *Rabugento* lhe dirija encomios.

Não gostei daquelle immenso catalogo de colaboradores, que tem sua redacção, salvo as honrosas excepções: Mr. Sharp fez tocar seu piano com menos vozes.

Dessejando-lhe vida longa e proveitosa, direi como o *Jornal do Commercio* — *Deos o fade bem*.

A *Semana Illustrada*, entre as suas caricaturas, traz a de Napoleão V, no campo da batalha — este ratão prusso-brasilico faz espirito depois do jantar.

Todos os chronistas costumam fallar dos theatres, eu pela minha parte tambem gosto do brinquedo, por isso os meus leitores esperem uma vez por outra alguma massada neste genero.

O *Borboletismo* e o *Caminho da porta* foram as unicas composições que vieram interromper o *doce far niente* dos empregarios.

Elogiar a comedia de *Sardou* e o seu desempenho, é repetir o que disseram já os jornaes de grande formato.

Quanto á comedia do Sr. M. de Assis, já na chronica passada disse alguma coisa, e por hoje limito-me a dizer que a estréa do joven autor — neste genero de litteratura — promette aos theatros muitas noites de enchente, e intima satisfação aos frequentadores.

A direcção do *Atheno*, incausavel em proporcionar ao publico espectaculos interessantes, poderia esquecer por algum tempo a comedia *Para obsequiar o meu amigo*, comedia que se lê constantemente nos cartazes de espectaculo, e que faz perguntar naturalmente, se o repertorio do theatro se limita aquella composição.

Igual reparo tomo a *liberdade de fazer á Sociedade Dramatica NACIONAL*, (isto de nacional tem sua graça) a proposito da scena comica *Viva o Circo Grande Oceano*. Spalding e Rogers já deixaram estas plagas, mas se elles passaram para o *Gymnasio*, é conveniente que os annuncios dos espectaculos tragam as novidades que trouxeram os americanos.

S. Pedro.... contento-me em pedir que levem á scena no proximo domingo *Camilla ou o subterraneo*, *O meirinho e a polveira*, ou o *Mancel Mendes*. Affianço-lhe uma enchente.

Entretanto levam á direcção do theatro o *Egas Moniz de Mendez Leal*, e responde-se com toda a ingenuidade: —é um drama muito bonito, mas demanda grande despeza. E a subvenção?

Effectou-se na noite de quinta-feira o beneficio do insigne pianista Arthur Napoleão, honrado com a presença de Suas Magestades Imperiaes.

O publico acolheu com enthusiasmo o grande artista a quem a Europa inteira ha saudado, como rival dos mais insignes pianistas.

O instrumento, sob as mãos de Arthur, converte-se em uma

catadupa de harmonias arrebatadoras. Ha occasiões em que somos forçados a soltar bravos entusiasticos, porque aquellas harmonias reproduzem-se, augmentam, tocam o extremo!

O que sobre tudo mais nos seduz, é a delicadeza, o mimo com que o mancebo executa, quer as suas quer as composições extranhas. Sentado ao piano parece-nos inspirado, tira delle sons que se não julgavam possiveis no instrumento.

O publico do Rio de Janeiro ha de victoriar ainda mais algumas vezes o insigne pianista, e o *Rabugento* terá tambem a honra de inscrever em suas columnas um nome que os genios da musica pronunciam com respeito e admiração.

A' ultima hora.

Um amigo curioso de ratices, enviou-nos a seguinte producção, que intitului

#### O CANTO DO RABUGENTO.

Nós já temos liberdade,  
Não ha mais hypocrisia;  
Já se pôde pela imprensa  
Questionar com bizzarria!  
Liberdade  
Que loucura!  
Hypocrisia  
Só figura!

Pelo arame, o telegrapho  
Quer chova, quer faça sol;  
Temos sempre novidades  
Trazidas por um anzol.

E' estupenda  
A invenção,  
Embora seja  
Por um cordão.

De ferro a estrada D. Pedro  
Já se anda sem pensar;  
Já se janta na cidade,  
Em Belém vai-se cear.

Pouco importa  
Se o tal carrinho,  
Leva o diabo  
Pelo caminho.

O gaz que tudo allumia  
Tornou-se uma especulação  
Dizendo os representantes  
Ser progressos da nação!  
Apaga-se de noite  
Acende-se de dia;  
E o progresso  
Da velhacaria!

Mas eu que tenho com isso  
Se é progresso ou ladroeria?  
Deixe-me virer socegado  
Como vive a honesta freira.

São mais felizes  
No seu convento  
Do que cá fóra  
O *Rabugento*.

Cheguei aqui, não sem custo; vou descansar das fadigas da viagem e preparar-me de novo para continuar na proxima semana.

E por despedida, diz-me o mestre da imprensa, que os leitores têm de ser mimoseados para o outro numero com o recibo de sua mensalidade.

Au revoir

TIVOLI.

Typ. do DIARIO DO RIO, rua do Rosario n. 84.